

## **A HORA E A VEZ DA LITERATURA: A formação de leitores nos últimos anos do Ensino Fundamental**

Ângela da Silva Gomes Poz<sup>1</sup>  
Beatriz Ferreira do Nascimento Menezes<sup>2</sup>  
Filipe Chagas de Lucas<sup>3</sup>  
Leidiani da Silva Mota<sup>4</sup>  
Theonila da Silva Chagas<sup>5</sup>

**RESUMO:** Por estar em crescente notoriedade e por constituir ação imprescindível à educação que visa à cidadania, a formação de leitores é o assunto deste artigo, que se propõe a analisar de forma sucinta sua prática, especificamente nos últimos anos do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano, destacando as contribuições das literaturas infantojuvenil e clássica. Apresenta-se, pois, uma revisão bibliográfica embasada principalmente em Costa (2009), Freire (2006), Foucambert (1994), Machado (2002), Maria (2009), Yunes (2009), entre outros, a fim de verificar esse processo de formação de leitores infantojuvenis, principalmente de literatura. A partir dessa pesquisa, pode-se perceber a importância de a escola ser responsável pela formação de leitores críticos, autônomos e letrados, reestruturando seus conceitos e práticas, se necessário, a fim de superar eventuais dificuldades e munir-se da literatura para a formação de jovens leitores.

**Palavras-chave:** Leitores. Formação. Escola. Literatura infantojuvenil. Poesia. Clássicos.

### **Introdução**

Este artigo tem como objetivo geral analisar a importância da formação de leitores na escola, com enfoque nos últimos anos do Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano. Existe atualmente no âmbito educacional um crescente interesse e ampla discussão acerca de práticas e meios para promover e fortalecer a

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras (Literatura Brasileira e Teorias da Literatura), pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialista em Língua Portuguesa, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), e Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itaperuna (antiga FAFITA, hoje Centro Universitário São José de Itaperuna).

<sup>2</sup> Graduada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ.

<sup>3</sup> Graduada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ.

<sup>4</sup> Graduada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ.

<sup>5</sup> Graduada em Letras (Português/Literatura) pelo Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ), em Itaperuna/RJ.

formação de leitores, dada a sua importância como principal norteadora no processo de formação de cidadãos críticos, autônomos e letrados. No entanto, é possível ainda perceber dificuldades em formar e estimular leitores, quando não houve a eficácia dessas práticas até a fase adolescente dos alunos, especialmente quando já estão cursando os últimos anos do Ensino Fundamental.

Neste trabalho, salienta-se a importância de se incentivar a leitura de textos literários para a formação da competência leitora, enfatizando-a como o principal meio de aquisição de conhecimento e de despertar o senso crítico e os princípios éticos na relação com o outro. Objetiva-se analisar a questão da formação de leitores de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental em três seções. Na primeira, busca-se descrever as contribuições da literatura na formação de leitores, com embasamento em teóricos e apresentação de exemplo para a prática. Na segunda, pretende-se apontar a relevância da leitura de poesias e suas vantagens na formação de leitores, acrescentando sugestões para essa prática em sala de aula. Na terceira e última, intenta-se destacar a importância da leitura dos clássicos como poderoso instrumento para o despertar de habilidades leitoras nos jovens, tomando como exemplos dois ícones do patrimônio literário universal: Machado de Assis e William Shakespeare.

O artigo foi construído e embasado sob uma revisão bibliográfica, cujos autores pilares são Costa (2009), Freire (2006), Foucambert (1994), Machado (2002), Maria (2009) e Yunes (2009), estudados pela ótica de estudantes de Letras, educadores-educandos.

## **1 A contribuição da Literatura Infantojuvenil: Leitura e formação de leitores**

A leitura é um dos assuntos mais discutidos da contemporaneidade, seja no âmbito das políticas públicas ou dentro das escolas brasileiras. Atualmente, ela já se transformou em uma palavra-chave para a prática de atividades individuais e em comunidade. No século vigente, em cujo limiar já se consolida a era da globalização, saber ler é saber também enfrentar os inúmeros desafios que à contemporaneidade se impõem, uma vez que leitura e bem-estar social se afinam, conforme denota Foucambert (1994, p 75):

em uma sociedade hierarquizada com base em classes sociais, a distribuição desigual das técnicas de acesso aos bens simbólicos reforça e realimenta as características excludentes dessa sociedade. Poucos são letrados (e não se busca saber o que os torna letrados), enquanto muitos são apenas alfabetizados (e indaga-se por que, alfabetizados não se tornam letrados). Mas tanto os alfabetizados quanto os analfabetos são frutos do mesmo processo de exclusão, do iletrismo – que, por sua vez, resulta da exclusão de ambos das condições que lhes permitiriam participar das redes de circulação de impressos. Para aqueles que socialmente vivem essas condições de exclusão, o destino é a alfabetização ou mesmo o analfabetismo – num caso ou noutro, a não-leitura.

A influência da sociedade em relação à formação de leitores é grande. Existe ainda muita carência nessa área e há um contexto social que pode ou não favorecer sua efetivação. As consequências da escassez de leitores são inúmeras, mas as vantagens são tamanhas para aqueles que compreendem os sentidos do ato de ler. A leitura carece da mobilização do universo de conhecimento do outro – do leitor – para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, que é o lugar onde o texto realmente está. Em “A Importância do ato de ler”, Freire (2006, p.09), afirma que

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Depreende-se de Freire que pode ocorrer o fato de o contexto do indivíduo não ser semelhante ao seu contexto de escolarização e que o melhor a ser tomado como princípio norteador das práticas de formação de leitores é o contexto no qual o indivíduo se encontra.

Há a necessidade de novos caminhos para uma formação eficaz de leitores na fase escolar, principalmente os de literatura. A leitura desde a primeira infância deveria ser o ponto de partida para tal preparação. A criança, nessa fase, evolui de tal maneira que abrange alguns aspectos, como os físicos, neurológicos, cognitivos, afetivos, perceptivos, dentre outros, que juntos contribuirão para a formação da personalidade. Piaget (1974, p.95) afirma que a criança nessa fase passa por um estágio chamado sensório-motor, caracterizado pela aquisição de conhecimento por meio dos sentidos. Cientes disso, Tussi e Rosing (2009) desenvolveram a obra

“Programa Bebelendo – uma intervenção precoce na leitura”, na qual apresentam a importância da formação de pequenos leitores na vida intrauterina.

A família deve ser incentivadora na formação leitora inicial. Os pais deveriam conscientizar-se de sua importância nesse processo evolutivo. Não obstante, percebem-se falhas nessa contribuição familiar, seja por questões sociais, de acessibilidade, seja pelo fato de a família não ser leitora ou de a criança não ter nem um leitor próximo. Na maioria das vezes, os pais transferem esse papel de formação de leitores à escola, que assume essa tarefa, que poderia ser mais eficiente se tivesse havido o estímulo prévio familiar, pois o leitor formado na família é diferente daquele formado na escola.

A escola ainda encontra obstáculos para exercer essa função de formadora de leitores. É comum repetirem-se discursos já cristalizados, dentre eles, a afirmativa de que as crianças e os jovens não gostam de ler. Por que não? Na maioria das vezes, são pessoas que na primeira infância não foram estimuladas à atividade leitora, sequer foram apresentadas aos livros, tendo esse contato pela primeira vez no ambiente escolar e, mesmo nesse espaço, tardiamente. Quando a escola assume o seu papel, logo nos primeiros anos de ensino (fase pré-escolar), os resultados são melhores, mas quando essa tarefa vai sendo transferida aos anos seguintes, atrasa a formação efetiva de leitores. Quando a escola entende essa tarefa como essencial, e a prioriza em qualquer nível de ensino, gera resultados indescritíveis a cada um dos estudantes que se tornam efetivamente leitores. Então, cabe a ela oferecer meios de reverter o quadro de dificuldades, assumindo-se como principal responsável pela formação de leitores críticos, autônomos e letrados, reestruturando assim seus conceitos e práticas e utilizando para isso, nos últimos anos do Ensino

Fundamental, de preferência, as contribuições da literatura infantojuvenil. Em consonância com Raimundo (2007, p. 109),

Se à escola foi dado o objetivo de formar leitores, o professor é o principal executor desse projeto, e dele será o dever de apresentar o mundo da leitura ao aluno. A maneira como o professor realizará essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura.

Para formar leitores, é imprescindível que o professor seja leitor, que ele tenha sido formado leitor. É notório que o professor leitor obtém maior sucesso na formação de leitores, enquanto o não leitor encontra diversos obstáculos na realização dessa tarefa essencial à educação que visa ao pleno exercício da cidadania. A abordagem dos professores com seus alunos deve aspirar à conquista para a literatura. Quando o professor é leitor, ele percebe que não se forma um leitor “obrigando” o aluno a ler para fazer alguma prova, ou como “punição”, ou para utilizar-se do texto literário no intuito de fixar conteúdos curriculares. Felizmente, nos últimos anos, o tema da formação de leitores é muito mais discutido e divulgado, de forma que a maioria dos professores que se propõem a essa nobre tarefa estão cientes de como deve ser realizada. Em “O Clube do livro - Ser leitor – que diferença faz?” (2009, p. 181), Maria pondera que:

a grande maioria dos professores tem o bom senso de não cobrar excessivamente os pormenores: nome de personagem que fez o quê, ou deixou de fazer, nome e sobrenome do autor, características de estilo, mensagens subliminares, mistérios cifrados, o que se esconde nas entrelinhas, o simbolismo oculto na história etc.

Ainda em “Leitura e Colheita – Livros, leitura e formação de leitores” (2002, p. 66), Maria destaca que:

Os jovens precisam ter a oportunidade de conhecer o mundo social, cultural, econômico e industrial da escrita; precisam ser estimulados a participar ativamente desse mundo; precisam ter noção da riqueza e variedade de opções de leituras existentes, reconhecendo na escrita um repositório de conhecimento acumulado pela humanidade ao longo dos tempos [...]

O professor deve, antes, conhecer um considerável acervo de obras que poderão ser atraentes ao seu público, também por meio de sua postura de leitor sempre destacar o prazer e a importância do ato de ler, nunca desvalorizando o gosto do jovem leitor, mas mostrando-lhe, de forma segura e respeitosa, que há inúmeras possibilidades de obras, estilos e temas no ramo literário, a fim de aguçar a curiosidade e o interesse dos alunos.

A literatura infantojuvenil ganha destaque nesse contexto pelas inúmeras contribuições que pode oferecer à formação de leitores, principalmente no que se refere à iniciação dos mesmos no mundo literário. O *locus* central, onde há a necessidade de resgate e de conquista desse adolescente o quanto antes para o

mundo da literatura, é a escola. Ela é responsável, ou deveria ser, por assegurar a leitura literária como o principal meio de aquisição de conhecimento e de despertar o senso crítico e os princípios éticos na relação com o outro.

A atual produção literária infantojuvenil brasileira é bem vasta e de qualidade invejável. Destacam-se autores importantes como Tatiana Belink, Eva Funari, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Pedro Bandeira, Elias José, Bia Bedran, Ziraldo, etc.

Ruth Rocha é uma das maiores escritoras de literatura infantojuvenil no Brasil. Tomaremos como exemplo, dentro de um infindo acervo de obras e com intuito apenas de demonstrar essa importância, uma de suas importantes obras, “Uma História de Rabos Presos”, com a qual ganhou o Prêmio Jabuti – o melhor livro para criança, da Câmara Brasileira do Livro, em 1990, que pode ser lida por crianças, jovens e adultos de qualquer idade – pois a todos envolverá – mas que, aqui, tomamos como paradigma para crianças que começam a cursar os últimos anos do Ensino Fundamental. O livro possui uma temática social e política e seu enredo, muito atual e pertinente, retrata a política de forma irônica, contribuindo sobremaneira para a percepção crítica do leitor em formação, de maneira a favorecer a construção da cidadania e possibilitar o desenvolvimento de sua visão de mundo.

Na edição de 2012 (Editora Moderna), assim começa a apresentação da obra: “Democracia e liberdade são bens difíceis de conquistar. Mas talvez sejam ainda mais difíceis de manter, pois sempre haverá sapos querendo fingir-se de reis, ou governantes autoritários, que ignoram as verdadeiras necessidades de seu povo”. Para Silva (2009, p. 193), “esse texto, em sua aparente simplicidade, é muito rico. Abordando o tema da corrupção na política, ele se presta a trazer a discussão para o plano da realidade político-social de que temos notícia diariamente pelos jornais e pela TV”. A leitura de uma obra como essa, além de prazerosa, é exemplo de como a literatura infantojuvenil pode contribuir para a ampliação da visão de mundo e para a formação cidadã, pois além do enriquecimento vocabular também remete à política – tema indispensável à educação e à cidadania.

## **2 A poesia como instrumento estratégico na formação de leitores**

A importância da poesia como instrumento estratégico na formação de leitores é incontestável. A linguagem poética, desde os tempos mais remotos, sempre esteve mais em pauta no que concerne à atração que as palavras exercem sobre as pessoas, até por possibilitar a leitura do poema escrito ou de sua audição. Não há barreiras que impeçam o texto poético de difundir sua magia. Quer por meio da publicação de livros, quer pela memorização e declamação pública – em ambientes mais variados, de salões nobres a praças e feiras públicas, da conversa entre amigos às salas de aula, quer por meio da ampla divulgação da poesia que toca no rádio, a poesia da canção (especialmente da chamada MPB - Música Popular Brasileira). A acessibilidade que a poesia oferece é um verdadeiro convite às “tribos” adolescentes, e quando esse instrumento é utilizado, a possibilidade de formar leitores se expande. Moricone (2002, p. 07) ressalta:

A palavra poesia apresenta certa flutuação de sentidos. Para alguns, soa ameaçadora, sugerindo ou lembrando exercícios difíceis dos tempos de escola. No universo literário, é tida como a mais refinada das paixões. Em princípio, imagina-se que poetas, assim como leitores de poesia, sejam indivíduos singulares, atacados por uma espécie de mania, dizem que hoje rara e inatual: a mania de ler literatura, mania de cultivar as letras. Cultivar as letras é querer saber das coisas, é cultivar o intelecto, a força do entendimento. A quem deseja enveredar-se por esse caminho, recomenda-se: leia os bons romances, descubra os filósofos sérios, **aprenda a amar poesia**. Na cama, na rede. Na poltrona, na mesa de trabalho. Sempre foi assim. É como nasce a tribo dos letrados. (Grifos nossos.)

Oswald de Andrade, abre o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” afirmando: “A poesia existe nos fatos.” (SCHWARTZ, 2008). E o fato de a escola, mais especificamente de o professor, tomar a poesia, com todo seu poder, como meio de levar o alunado a gostar de ler, é uma atitude não só inteligente, mas eficaz e – por que não – poética. Essa aquisição do gosto pela leitura, especialmente pela literatura, se potencializa diante das peculiaridades dos textos poéticos, dentre elas, a questão da sonoridade (ritmo, rimas, possível metrificação), da emoção e da subjetividade, capazes de fazer com que esse despertamento de leitor ocorra.

O estudante dos últimos anos do Ensino Fundamental que, por (des) ventura, ainda não se constitui um leitor fluente, ao ler, memorizar e repetir determinado

poema, vai além da concepção de significado da poesia, e, com isso, acaba por criar percepções afetivas, tocando no cerne da questão que envolve a poesia como recurso estratégico na formação de leitores. Em sua obra “A poesia vai à escola – reflexões, comentários e dicas de atividades”, Sorrenti (2009, p.19) afirma que

A poesia pode estabelecer uma ponte entre a criança e o mundo. Ela também constitui uma maneira de ensinar a dominar certos ritmos fundamentais do ser, como o respirar. Pela expressão da fala, a criança se apropria de suas possibilidades, adquirindo o domínio de sua palavra.

Há várias estratégias para a utilização do instrumento proposto: a realização de saraus literários, recitais de poesia, cirandas poéticas, rodas de leituras de poemas, entre tantas outras possibilidades existentes e outras ainda a se criar. Sempre se deve atentar ao prazer advindo da leitura, do contato com a poesia, e descartar sua utilização como mero pretexto para a fria cobrança de conteúdos gramaticais ou quaisquer outras atividades maçantes. Cabe aqui ressaltar que ainda há prosa poética, extensão a mais das possibilidades de leitura. Costa (2009, p. 137) destaca que a vivência da poesia é responsabilidade do professor, seja pelos movimentos rítmicos, pela dramatização, pelos jogos fônicos, pelas mensagens experimentadas e sentidas, dentre outras. É responsabilidade também dele mostrar que tudo na vida pode ser poesia e que a beleza das criaturas está em todo lugar.

Atentar para o efeito motivador que a poesia exerce na formação de leitores significa perceber que a estrutura e a singularidade artística desse gênero oportunizam não só a formação de leitores da palavra, mas leitores do mundo (FREIRE, 2006), ou seja, pessoas capazes de ler e de criar, de intervir na sua realidade a partir do conhecimento que advém da leitura. Nosso grande poeta Carlos Drummond de Andrade medita sobre a dicotomia poesia/escola:

O que eu pediria à escola era considerar a poesia como primeira visão das coisas e mesmo veículo de informação teórica e prática, preservando em cada um o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo que se identifica com a sensibilidade poética. (apud YUNES, 1988, p. 83).

O estudante que por alguma infausta razão chega aos últimos anos do Ensino Fundamental sem dominar fluentemente a leitura, tem também no texto poético um valioso instrumento para adquirir a habilidade de entender o texto escrito. Boa

sugestão, nesse caso, é a utilização de poemas de estruturas mais simples, como as quadras, como o Cordel, por exemplo. As redondilhas maiores, as chamadas “medida popular”, possibilitam a familiarização do estudante com o texto escrito pela naturalidade dos versos, que se alinha perfeitamente ao movimento expiratório do ar na pronúncia do leitor: “Batatinha quando nasce/ Se esparrama pelo chão/ Menininha quando dorme/ Põe a mão no coração” (Domínio público). Aqui registramos uma obra do premiado escritor de Literatura infantojuvenil Pedro Bandeira (cuja obra já vendeu mais de 25.000.000 de livros no Brasil) que serve como ótima sugestão de leitura que exercerá nesse estudante e em muitos outros, das mais variadas idades e níveis, verdadeiro fascínio: o livro “Malasaventuras – Safadezas do Malazartes” (2003, p. 07 e 08.). Em versos como “Do tal Pedro Malasartes,/ você já ouviu falar?/ Pois prepare sua risada/ que eu estou pronto pra contar/ (...)/ Pra dar duro no batente,/ nosso Pedro é só preguiça./ Mas não perde ocasião/ de vingar uma injustiça// E injustiça é o que não falta/ pra qualquer pobre roceiro,/ pois a lei só anda ao lado/ de quem tem muito dinheiro (...)”, o autor, em quadras compostas por redondilhas, apresenta as mais inusitadas aventuras de um personagem folclórico, valendo-se do humor para tratar de temas sociais, garantindo a atração e o envolvimento do leitor, naturalmente.

Outro grande poeta que escreve especialmente para o público infantojuvenil é Ulisses Tavares, em cuja obra “Viva a Poesia Viva” (2003), constrói uma crítica irônica e humorística a partir do ponto de vista dos adolescentes sobre a vida, e é um ótimo exemplo do que enfatizamos para os últimos anos do Ensino Fundamental. Como, por exemplo, no poema “Preparação para o vestibular”: “Assinale com um \$ a resposta certa:// ( ) advogado/ ( ) engenheiro/ ( ) médico/ ( ) filhinho de papai”, em que ele trata de um assunto recorrente entre os jovens, despertando sua visão crítica com relação às diferenças de classes sociais e as desigualdades e desajustes que delas advêm. Em outro poema, “Poluição II”, ele trata de outro assunto sempre em pauta, a necessária preservação ambiental: “olho gente/ olho poluição/ quanta gente reclamando dela/ de carro/ e cigarro na mão”; nele, há o despertamento para a hipocrisia daqueles que parecem dizer “façam o que eu falo, e não o que eu faço”. É importante registrar também, neste trabalho, a

obra de outros grandes poetas como Henriqueta Lisboa, Mário Quintana, José Paulo Paes, Roseana Murray, entre outros.

### **3 Clássicos para jovens leitores: Machado de Assis e Shakespeare**

O que faz de uma obra um clássico é o poder que sua leitura exerce ao passar a época de sua escrita, e em cada releitura, nos muitos momentos da história, se mostrar atual e universal, abordando as vivências humanas em suas relações interpessoais e sociais. Para Calvino (2007, p.09), “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Essa afirmativa suscita que um único clássico garante descobertas em cada releitura, e assim o leitor torna-se um coautor diante da interação necessária para dar vida à obra. Calvino ainda completa: “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira”.

Os clássicos revelam sua relevância enquanto coadjuvantes na formação e ou na transmutação de uma determinada cultura. Eles apresentam personagens que representam os leitores em suas sociedades, tornando-se sempre próximos àqueles que os leem. Para Machado (2002 p. 102)

[...] sempre existiu também uma outra linha de livros em que a realidade cotidiana estava presente e carregada de emoções. Como se de alguma forma fosse necessário lembrar às pessoas que as experiências intensas que dão significado à vida não precisam necessariamente se passar longe de casa e que cada pessoa pode viver uma situação de enorme complexidade psicológica, cada família pode guardar um drama de muita intensidade, cada cidade está cheia de tragédias sociais, cada rua é atravessada todo dia por gente que vive dores e alegrias, tem medos e sonhos.

Aos jovens leitores, a leitura de clássicos garante uma experiência prévia, um conhecimento de mundo para as leituras e releituras que virão posteriormente, ainda que essas leituras não alcancem o cerne do texto devido à inocência ou inquietação do leitor jovem, presumível pela idade, conforme pondera Calvino (2007, p.8):

De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras.

É importante frisar que um livro clássico se refere a uma obra com força literária que permaneça no decorrer dos anos, e/ou até séculos, permeando o imaginário e a vida dos leitores, independentemente do número de páginas ou da complexidade de seu tema. Para uma melhor exemplificação, apresentamos dois ícones da literatura universal, Shakespeare e Machado de Assis, no intuito de mostrar como a alta literatura pode ser, em vez de uma dificuldade, uma porta de entrada para a formação de leitores nos últimos anos do Ensino Fundamental.

O ensino da Literatura do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental está incutido no ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, as obras a serem trabalhadas pelos professores devem imprimir um caráter emancipatório e crítico. Características e informações sobre a vida dos autores e o contexto histórico de suas produções devem ser acrescentadas juntamente com as obras para garantir a aproximação e curiosidade dos alunos, que farão suas leituras mergulhados no contexto social e cultural dos mesmos, sempre, com a mediação do professor, que deverá ressaltar a importância do período tratado na obra para a construção do presente e as relações que essas épocas mantêm, rupturas e continuidades, que importam, e muito, para o modo atual de olhar o mundo.

Machado de Assis (1839-1908): brasileiro, negro, pobre, epilético, autodidata, exemplo maior de gênio construído pela leitura (MARIA, 2009). Inigualável em nossas letras, Joaquim Maria Machado de Assis foi um homem apaixonado pelos livros, que mesmo não tendo frequentado a escola regularmente, demonstrava intimidade e amor à literatura, tanto que, com apenas quinze anos – ainda adolescente! - teve seu primeiro poema publicado. Para Maria (2009, p.305):

Ele não só leu a escrita de outros, como leu também a vida à sua volta: foi capaz de uma observação aguçada dos fatos e gentes que conheceu. Diante do que parecia inabordável, usava com requintes de mestre as sinuosidades do humor e da ironia. E assim, foi capaz de criar uma obra tão extraordinária que é considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos.

Um conto de Machado que podemos citar como exemplo para a leitura de clássicos em sala de aula com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental é “Brincar com fogo”. Sua narrativa simples e de curta duração garante a compreensão do texto àqueles que pela primeira vez entram em contato com o

universo machadiano. Esse conto possui temática e complexidade apropriadas à faixa etária do adolescente: ele traz o amor, a amizade, a disputa por um rapaz e outros pontos que despertam a curiosidade e o imaginário das pessoas em geral. O tema, muito bem resumido no título, combina perfeitamente com o que ocorre na fase adolescente, a ingenuidade, talvez, de poder “brincar com o amor”, como se o controle estivesse em mãos, e, no decorrer das ações, perceber que está completamente tomado pelo sentimento amoroso, agora não mais no comando, mas sob ele. A linguagem e a temática desse e de muitos outros contos machadianos são muito acessíveis e atraentes ao público infantojuvenil. Podemos ainda citar “Um apólogo”, “Ideias de canário”, “Noite de almirante”, “A cartomante”, “O relógio de ouro”, entre muitos outros. Os contos de Machado de Assis, que são questionadores e ricos em ironia (MOÇO, 2008), podem ser a porta de entrada para a leitura de suas obras, que se tornam imprescindíveis à formação do leitor em construção de sua cidadania.

Sugerimos que o professor, ao escolher um desses contos, solicite aos alunos, primeiramente, sua leitura silenciosa, e, em seguida, proceda com a leitura em voz alta. Essa leitura feita pelo professor evitará possíveis interrupções por desconhecimento de algum termo ou construção sintática, uma vez que se trata de texto clássico, com linguagem formal, em muitos casos distante da linguagem cotidiana dos adolescentes. Após a leitura expressiva do professor, poderão ser explanadas nuances da linguagem desse autor, sua riqueza vocabular e a farta utilização de recursos que permitem a mais alta expressão da língua, as sutilezas do texto e suas peculiaridades, como a ironia e os “diálogos” com o leitor. Assim, de forma natural, os temas tratados explicitamente nas linhas e implicitamente nas entrelinhas poderão ser percebidos pelos jovens leitores, que inevitavelmente, mediados pelo talento do professor leitor, encantar-se-ão.

Por sua vez, William Shakespeare é um dos maiores influenciadores na literatura mundial, tido como um dos maiores escritores da literatura inglesa, escritor de comédias, tragédias e poesias. Segundo Heliadora (2008, p. 08), se for necessário apresentar motivos pelos quais se deva ler Shakespeare hoje em dia, todos eles poderão ser encontrados em sua capacidade de investigar e compreender a fundo os processos do ser humano, tanto em sua condição de indivíduo como de integrante do grupo social. A extensão de sua obra constitui um

riquíssimo acervo com valores humanos universais que podemos inserir na formação dos jovens leitores. Dessa gama, sugerimos começar pela tragédia centenária, que também aguça o imaginário infantojuvenil, “Romeu e Julieta” (1998). Essa peça de teatro faz alusão a um amor proibido, porém, o autor vai além, colocando em reflexão a usurpação do poder, os interesses econômicos e, como em Machado, muitos outros aspectos relevantes podem ser observados implicitamente no decorrer do texto. De acordo com Gandara (2015, p. 398):

a leitura da peça Romeu e Julieta [...] de Shakespeare, não somente contribui para a compreensão das especificidades do gênero dramático, como também possibilita uma discussão sobre o amor e as dificuldades relacionadas a esse sentimento, principalmente quando lidas na segunda fase do ensino fundamental, momento em que, geralmente, os alunos estão iniciando as relações amorosas.

Não se trata apenas do enfoque do amor – tema caro à literatura e às pessoas em geral, especialmente, aos adolescentes, mas da abordagem de temas que margeiam essa obra e são também muito atraentes ao público em questão, como as relações de amizade, o perdão, o ódio, a vingança, a efemeridade, a eternidade e o mito. Rodas de leitura, exibição do filme homônimo de Franco Zeffirelli (1968) e outros afins, debates e montagem da peça são sugestões de atividades possíveis e acessíveis ao professor para o sucesso da interação leitura de clássicos/formação de jovens leitores (CRUVINEL, 2012).

Outras obras clássicas desses autores podem ser usadas em sala de aula, basta que seja observado pelo docente o tema e a complexidade. Nessa busca, o professor pode se deparar com adaptações e nisso não há problema algum, basta que essas adaptações mantenham a essência da obra e a linguagem do autor. O professor, nesse caso, deve atentar para a permanência da linguagem original, não deve haver mudanças bruscas justificadas pela “linguagem mais apropriada ao público infantojuvenil” (porque dessa forma o texto deixa de ser do autor clássico para ser do adaptador). Além disso, existem boas adaptações de clássicos para o público infantojuvenil, algumas na versão HQ, inclusive. Porém, vale ressaltar que eficaz mesmo é conhecer a linguagem erudita das obras clássicas sem adaptações.

Assim, os adolescentes, após terem sido estimulados e acompanhados pelos professores, sentir-se-ão atraídos pelos textos bem elaborados dos clássicos, pelos diálogos com outras épocas e contextos, de forma que, começando pelos clássicos, quando lerem quaisquer outros gêneros, não encontrarão dificuldades para a sua compreensão.

Longe de finalizar a discussão sobre a leitura e a formação de leitores, buscamos, neste trabalho, abrir novos caminhos para que a educação possa tornar-se mais eficaz, com a formação de leitores na idade das descobertas, fase em que às pessoas começam a se apresentar caminhos da vida, quando a literatura poderá ser bússola para melhores rumos.

### **Referências:**

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. 4 volumes. São Paulo: Nova Aguilar, 2015

BANDEIRA, Pedro. **Malasaventuras - safadezas do Malasartes**. São Paulo: Moderna, 2003.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** 2ª Ed. Brasil: Companhia de Bolso: São Paulo, 2007.

COSTA, Marta Moraes da. **Literatura Infantojuvenil**. Curitiba: IESDE, 2009.

CRUVINEL, Maria de Fátima. Shakespeare para adolescentes. **Presença Pedagógica**. Minas Gerais, Dimensão, Ano 18 n. 108, p. 14-21, nov. /dez. 2012.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Curitiba: Editora Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

GANDARA, Lemuel da Cruz. Literatura, teatro e cinema: mediações possíveis para William Shakespeare na segunda fase do ensino fundamental. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.390-410, Jan./jun. 2015.

HELIODORA, Bárbara. **Por que ler Shakespeare?** São Paulo: Globo, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARIA, Luzia de. **O clube do Livro**. Ser leitor – que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Leitura e Colheita** – livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOÇO, Anderson. Machado, um clássico para todos. **Nova Escola**. São Paulo, Divisão Gráfica, Ano 23, n. 215, p. 46-53, set. 2008.

MORICONE, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PIAGET, J. **A epistemologia genética e a pesquisa psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor**. In: Celli – Colóquio de estudos linguísticos e literários, 3., 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2007.

ROCHA, Ruth. **Uma história de rabos presos**. Brasil: Salamandra, 2009.

ROMEU e Julieta. Direção: Franco Zeffirelli. Brasil: Paramount Collection (Brazil) 1968.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos**. 2. ed. rev. e ampl. - São Paulo: editora da USP, 2008.

SHAKESPEARE, Willian. **Romeu e Julieta**. São Paulo: L&PM Editores, 1998.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola – reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TAVARES, Ulisses. **Viva a poesia viva**. São Paulo: Saraiva, 2003.

TUSSI, Rita de Cássia; ROSING, Tania M. Kuchenbecker. **Programa Bebelendo – uma intervenção precoce de leitura**. Brasil: Globo, 2009.